

COMPANHIA NO DESERTO

Lapa, 6 de Dezembro de 2020

Texto Bíblico

Marcos 1:1-8 “(1)Princípio do evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus. (2)Conforme está escrito na profecia de Isaías: Eis aí envio diante da tua face o meu mensageiro, o qual preparará o teu caminho; (3)voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas; (4)apareceu João Batista no deserto, pregando batismo de arrependimento para remissão de pecados. (5)Saíam a ter com ele toda a província da Judeia e todos os habitantes de Jerusalém; e, confessando os seus pecados, eram batizados por ele no rio Jordão. (6)As vestes de João eram feitas de pelos de camelo; ele trazia um cinto de couro e se alimentava de gafanhotos e mel silvestre. (7)E pregava, dizendo: Após mim vem aquele que é mais poderoso do que eu, do qual não sou digno de, curvando-me, desatar-lhe as correias das sandálias. (8)Eu vos tenho batizado com água; ele, porém, vos batizará com o Espírito Santo.”

Resumo

Este sermão, pregado pelo Pr. Filipe Sousa em Marcos 1:1-8, chama-se “Companhia no deserto”. Mais do que ideias, crenças ou convicções, o evangelho é uma pessoa, e essa pessoa é Jesus Cristo, Filho de Deus. A celebração do Natal, que é a celebração da encarnação do Verbo eterno, garante-nos que, nos momentos mais áridos da nossa vida, a nossa companhia é o próprio Deus. Nada disto acontece sem o dom do arrependimento, porque no final, o que realmente interessa aos olhos de Deus é a nossa santidade e não o nosso conforto. Não há outro caminho para que a nossa alegria seja completa, senão o Senhor Jesus Cristo.

Sermão

Este sermão chama-se “**Companhia no deserto**”. Mais do que ideias, crenças ou convicções, o evangelho é uma pessoa, e essa pessoa é Jesus Cristo, Filho de Deus. A celebração do Natal, que é a celebração da encarnação do Verbo eterno, garante-nos que, nos momentos mais áridos da nossa vida, a nossa companhia é o próprio Deus. Nada disto acontece sem o dom do arrependimento, porque no final o que realmente interessa aos olhos de Deus é a nossa santidade e não o nosso conforto. Não há outro caminho para que a nossa alegria seja completa, senão o Senhor Jesus Cristo.

O início do Evangelho de Marcos mostra que, com a chegada do Messias, um novo princípio é anunciado, uma nova criação que executa e completa o que a história de Israel já anunciava no Velho Testamento. Do mesmo modo que o livro do Génesis e o Evangelho de João começam com a expressão “*No princípio*”, Marcos escolhe essa mesma palavra para enfatizar a acção de Deus na história: “*No princípio criou Deus os céus e a terra*” (Gn 1:1) e “*No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus*” (Jo 1:1); agora lemos sobre o “*Princípio do Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus.*” **Marcos quer que a introdução do seu evangelho tenha o mesmo peso que as palavras iniciais da Escritura em Génesis, porque uma nova criação está à beira de acontecer. Essa nova criação é incorporada na chegada do Messias, o Filho de Deus. O mesmo selo de Escritura do Génesis está a ser aplicado a este Evangelho de Marcos.**

O anúncio de um novo princípio é o anúncio de boas novas, o evangelho. No mundo antigo greco-romano, a palavra *euangelion* significava as notícias trazidas geralmente num contexto de vitórias militares e políticas. Agora, Marcos escreve que a nova criação anunciada na chegada de Jesus marca a vitória final de Deus para o seu povo sobre o pecado. Tão certa como se já tivesse acontecido. Boas notícias não trazem a possibilidade de poderem vir a ser boas, mas a confirmação de que elas já são um facto consumado. Prova disso é o facto de Marcos evidenciar que estas são as boas novas de Jesus Cristo, o Filho de Deus, cuja

autoridade e poder são as do próprio Deus. O Evangelho é o poder de Deus (Rm 1:16), e o próprio Deus vem cumprir na pessoa do Filho, Jesus Cristo, aquilo que Ele prometeu desde o Velho Testamento. Por causa disso, o Evangelho não é apenas um conjunto de crenças e convicções. Acima de tudo, o Evangelho é uma pessoa - as boas novas são o Senhor Jesus. **Logo, tudo aquilo que Deus faz nas nossas vidas fá-lo na pessoa do Filho. A intimidade entre Cristo e o cristão é fundamental. O que esta nova criação vem recriar é a ligação caída entre criatura e Criador, na pessoa do Filho de Deus, por isso a nossa intimidade com Deus deve acontecer somente através de Cristo.**

Apesar de Marcos escrever sobretudo para não-judeus, ele não deixa de fazer uma citação do Velho Testamento, a Bíblia hebraica, logo nos versos 2 e 3. Marcos refere a profecia de Isaías, mas toda a citação é uma combinação de elementos de três passagens: o elemento do envio do mensageiro pode ser encontrado em Êxodo 23:20 quando Deus promete o envio de um Anjo que guarde o povo pelo caminho e o conduza à terra prometida; também em Malaquias 3:1 encontramos esse elemento do envio do mensageiro que preparará o caminho do Senhor; e finalmente em Isaías 40:3 encontramos a referência à “Voz que clama no deserto” que preparará o caminho do Senhor. Embora as referências ao Velho Testamento não estivessem próximas das metes dos gentios, Marcos, inspirado pelo Espírito Santo, quer quer os seus leitores percebam a ligação íntima que existe entre a pessoa e do ministério de Jesus com a revelação divina do Velho Testamento. Não é possível entender Jesus sem o Velho Testamento. Outro aspecto fundamental na citação que Marcos faz do Velho Testamento é o facto de o Evangelho de Jesus Cristo ser, fundamentalmente, comparado a um caminho (três vezes a referência a “caminho” ou “vereda” aparece entre os versos 2 e 3). Deus providenciou em Cristo o caminho da salvação. Jesus afirmou em João 10:9 *“Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim, será salvo; entrará, e sairá, e achará pastagem.”*, e afirmou em João 14:6 *“Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim.”* **Jesus é a porta por onde entramos para a salvação e o caminho por onde caminhamos para a salvação. É somente Jesus que garante a nossa entrada - pela porta - e a nossa permanência - pelo caminho - no Reino de Deus.**

João Baptista entra em cena no verso 4, identificado como aquele de quem as profecias do Velho Testamento apontam como a voz que clama no deserto. O facto de João Baptista aparecer no deserto indica que ele cumpre o padrão mosaico e profético: é uma reconstituição do que aconteceu com o início da história do povo no Êxodo, ao mesmo tempo que cumpre as promessas dos profetas em Jeremias 2:2-3 e Oseias 2:14. A mensagem que João Baptista pregava pode ser reduzida numa palavra: arrependimento. O baptismo de João Baptista não tinha o poder de perdoar pecados (ele próprio reconhece isso no verso 7 e 8), mas ele servia como um símbolo da purificação espiritual e renovação moral que todo o povo precisava, e que agora estava à beira de acontecer com a chegada de Jesus. Embora o auditório destacado aqui seja a população judaica, o evangelho de Lucas dá-nos outros detalhes que indicam que também os gentios estavam a ouvir a pregação de João, até mesmo soldados romanos. O símbolo da água do baptismo representava a lavagem espiritual e a renovação da aliança que Deus disse que faria com o seu povo (Jr 31:31-34), mas agora essa nova aliança é entendida plenamente na medida em que ela inclui não apenas judeus, mas todo o tipo de pessoas. **Todos estão em pé de igualdade porque todos são pecadores, e por isso todos precisam de abraçar o arrependimento. Esta nova criação, que são boas notícias, revela que qualquer pessoa pode ser salva. E a descrição peculiar de João Baptista no verso 6 mostra o início deste espírito transformado pelo Evangelho: auto-negação, mortificação da carne, desprezo santo pelas coisas do mundo, desejo pelo reino de Deus. João Baptista é um exemplo bem visual daquilo que significa ser transformado pelo Espírito Santo.**

Vale a pena insistir no elemento do deserto, porque nas Escrituras ele aparece como o local tradicional onde Deus se encontra com o seu povo. Não deve ser um motivo de admiração Deus levar-nos a vários tipos de deserto na nossa vida para se encontrar connosco. Acredito que no nosso contexto citadino ocidental seja difícil imaginar o que será viver num local desértico, mas acredito que, por causa do nosso contexto citadino ocidental, seja natural para nós tornarmos a nossa vida, ainda que inconscientemente, num deserto. Vou generalizar, mas acredito que um dos nossos maiores receios é o de nos vermos em situações em que, literalmente, não conseguimos ver um ponto de chegada à nossa frente. A perspectiva de termos

de esperar e lutar por alguma coisa arrepiá-nos, talvez porque hoje vivemos um tempo em que tudo se tornou tão imediato. As tecnologias ocupam aqui um lugar de destaque quando nos isolamos à frente de ecrãs (ou, em alguns casos, à frente de livros até). Mas, além disso, queremos ter uma agenda preenchida com tarefas ou lazer, e até mesmo a nossa mente ocupa-se a imaginar planos e desejos que acabam por amarrar os nossos corações e que, possivelmente, nunca se concretizam. Fazemos trinta por uma linha, e acabamos por criar um deserto à nossa volta onde Deus não tem lugar. **A ironia é que, ao queremos fugir a todo o custo de desertos, acabamos por sermos nós a criá-los para nós próprios. O povo de Israel, ao querer sair daquele deserto para chegar à terra prometida, foi-se enredando cada vez mais nele por não colocar os seus olhos e os seus ouvidos em Deus. Foram precisos 40 anos para saírem dali. Mas Deus, na sua misericórdia, pega em nós e coloca-nos em situações onde esses artifícios todos já não servem para nos sustentar, e damos por nós na aridez e sequeidão das nossas vidas. E é aí, meus irmãos, que Deus se irá encontrar conosco. É aí que a sua companhia se fará notória para nós.**

O processo através do qual isto acontece é o reconhecimento do nosso pecado. Esse é o momento mais árido da nossa vida para que Deus seja o momento mais alegre e permanente de todos. Não existe lugar para Cristo onde a convicção do pecado e a humilhação não são abraçadas. Do mesmo modo que João Baptista preparou o caminho do Senhor, mostrando que todos estão debaixo do pecado e necessitam de arrependimento, Deus prepara o nosso coração para Cristo na medida em que o Espírito Santo nos convence do pecado e humilha-nos nesse convencimento. Assim como caminhos são aplanados para melhor andarmos neles, as nossas vidas são preparadas para vermos melhor Jesus como Senhor e Salvador, sobretudo no meio do deserto. **Por isso, meus irmãos, o que eu acredito que a palavra nos está a trazer hoje, neste tempo de preparação para a celebração do Natal, é que somos chamados a não fugir dos momentos desérticos para onde Deus nos leva. Se Deus nos levou até aí, então é porque Deus sabe o que está a fazer. Deus está mais interessado na nossa santidade do que no nosso conforto.** E é isso que ele faz continuamente naqueles que o amam e que são chamados segundo a vontade - Deus trabalha todas as coisas de

um modo tão perfeito que tudo o que nos acontece é para o nosso bem maior, a nossa santificação, o nosso desejo por Cristo. E isso passa sempre pelo arrependimento. **A encarnação do Verbo eterno, a chegada do Messias prometido, a vinda do Filho de Deus são boas notícias porque nunca seremos abandonados. A nossa companhia permanente no deserto é o Senhor Jesus Cristo, para que a nossa companhia eterna nos novos céus e nova terra - onde já não existem desertos - seja o mesmo Senhor Jesus Cristo.**

Que Deus nos abençoe.